



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO IV

Nº 24

Setembro/Octubro 95

EDITORIAL

Estamos próximos de mais um período de vida. Setembro e outubro são precursores dessa estapa e, dessa forma, vamos cumprindo o prazeroso dever de prosseguir na caminhada destas "Letras". Parece que o tempo se incumbem de apresentar novas facetas vitais e, com isso, aprendemos mais uma lição: nada se obtém sem luta, pois viver é lutar e a ninguém é dado ficar na inércia, porque o estiolamento é fatal e com ele parece o homem. A melhor maneira de enfrentar o dia das tormentas e das incertezas, é agilizar cada vez mais o cérebro, alimentando-o com novas idéias e novas produções. Quem pensa e traduz seu pensamento, dá um pouco de luz à escuridão que nos cerca e essa luminosidade provinda das elocubrações mentais, conduz a humanidade para destinos melhores. Que não se enfraqueça o impulso intelectual pois, olhando para o passado meio distante, vemos que em certa época sombria, Dante Alighieri aclarou o mundo com "A Divina Comédia", abrindo espaço para o surgimento de uma área de ouro da literatura universal. Portanto, brindemos aos que produzem e deles será o reino da intelectualidade. Que venham romances, poemas, poesias, ensaios, pesquisas, que venha toda elaboração cultural e assim engrandeceremos o encêrvo maior do homem, que a exteriorização do pensamento.

OYAMA ITUASSÚ

A MINHA FONTE

Araújo Neto

Noite vasta. Tristeza. O tédio a alcova invade...

Sinto em tudo sabor de uma volúpia morta.

*A uma recordação a mente se reporta
na lenta solidão da minha soledade...*

*Melancolia e atroz! Que triste fatuidade
a da ida! O torpor minhalma desconforta
e o pensamento a arder em febre se transporta
para junto de alguém nas azas da saudade...*

*O tédio é sempre o mesmo. A noite vasta e lenta,
vai e vem, vem e vai, amara e lutulenta,
e o relógio executa o noturno das horas...*

*A tôa, espero alguém. À tôa espero e sonho...
A tristeza infinita em que me descomponho,
vão e vêm, vêm e vão, crepúsculos e auroras.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um Informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Impressão: GRAFIMA - Gráfica Industrial de Manaus Ltda

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

AMAZONAS: Orientação Artística

Leôncio de Salignac e Souza

Há outros lustros mais ou menos que se observam os pendores de um movimento de polaridade do pensamento dos cultores da Arte no Amazonas. Na música, na pintura e nas letras, mormente nas duas últimas, a tendência é sensibílissima. A propósito da formação e evolução artística, entre nós, amazonenses, é ocioso lembrar haver Manaus possuído excelentes compositores cujas criações mais interessantes se verificam nas festas joaninas e nos folguedos carnavalescos. Facilmente consagrados pelo povo, em razão do concurso de poetas que, a essas músicas, ofereciam versos de celebração dos nossos cenários naturais e até de nossos hábitos e, por vezes, de crítica, sempre de delicada ironia. Ainda restam alguns e, além de poucos, sem a facilidade de outrora para musicá-los! Entretanto, a pintura mantém-se em nível admirável, aparecendo frequentemente telas magníficas de fixação de figuras e painéis regionais. Branco Silva, em centenas de quadros, eternizando o próprio talento genial, interpretou fielmente as nossas paisagens, lendas e focalizou, na corpulência hercúlea e nos lances homéricos, o homem de nossa hinterlândia e teria enriquecido muito mais a sua deslumbradora Galeria se a morte não o houvesse arrebatado ainda prematuramente! Águas paradas, parecendo extensas lâminas de platina ou lâgeas de ambar negro e de exageradas ou quase infinitas dimensões ostentam, à superfície, vitórias régias que, pela singularidade e grandeza das formas, se assemelham a fantasias orientais. Águas, em movimento lento, deslizando suavemente nas nascentes, ou lesto, espraiando-se por sobre longos trechos de pedras, verdadeiro mostruário geométrico, de tonalidades iguais aos dos ladrilhos babilônicos, lançam-se de encontro a verdadeiras muralhas e, forçando os obstáculos, tomam-se de fúria demoníaca. Então, num sortilégio, exibem-se em colunários dóricos, pirâmides, conchas, cálices e castiçais enormes, oscilantes nos espaços, para, entre bramidos, estrondos e vergastadas de intensa ventania, transmutarem-se em imensos colchoários niveos, fimbriados de ouro e marchetados de pedrarias, imagens nascidas aos revérberos do sol tropical. Árvores de umbelas matizadas, de todos os tamanhos de esmeraldas, enriquecidos dos tons fascinantes de flores silvestres, ornam os centros e conservam as margens em constante esbanjamento de cores, emprestando moldes paradisíacos às terras, ora more-

nas, ora opalinas, ora purpurinas, ora enegrecidas. Canoas, batelões, igarités e embarcações a motor, lanchas e navios, a figura robusta, de testa ampla e de olhos meúdos e de olhar firme, do pescador, de pé em meio ao seu frágil barco, desafiando horas de espera e desafiando as intempéries, roças, povoados, dilúculos e sobretardes, noites enluaradas, seringueiros, castanheiros, trabalhadores outros das florestas perpetuam-se nas telas de Branco Silva! No ângulo literário, quanto à poesia, formam uma constelação a fulgir constantemente sobre as belezas de nossas regiões, Raimundo Monteiro, Álvaro Maia, Pereira da Silva (Francisco), Américo Antony, como romancistas, Aurélio Pinheiro, Ferreira de Castro, ainda Álvaro Maia, em sua "GENTE DOS SERINGAIS" e Abgvar Bastos, estes, no Amazonas, ao escrever sua primeira obra no gênero, já vitorioso aedo, ideando a escola FLAMINASSÚ, tipicamente amazônica. Entre os luminares da cruzada amazônica, reponta o nome de Waldemar Pedrosa, de uma significação multifária, tantos os títulos e tão aristocrática a norma do Mestre sempre fúlgure, que no idioma pulcro de Chateaubriand, escreve lucilante páginas de interpretação de nossos panoramas. No âmbito de ensaios seducendo como paisagista e analista de motivos regionais, credenciou-se Mavignier de Castro, em "AMAZÔNIA PANTEISTA", e Mário Ipiranga Monteiro, este plenamente vitorioso como historiógrafo, surgindo com "OS REGATÕES". No campo imenso da sociologia, restrito às observações e conclusões da movimentação do Amazonas, André Araújo, mestre dos problemas educacionais e recuperativos da infância e Djalma Batista, médico, desde de moço com o espírito debruçado sobre o homem e a terra do berço. Como biógrafo, substituindo ao sempre lembrado e fulgurante Péricles Moraes, o padre Nonato Pinheiro que, na reconstituição das figuras e sua atuação entre nós, se enfileira nas hostes daqueles que procuram fazer conhecido o Amazonas. Polígrafo, vernaculista, orador que dignifica o púlpito e enobrece a tribuna acadêmica, seu estudo sobre a pessoa e a obra de Dom João da Mata, além de outros livros, o colocou entre os maiores escritores, no gênero. Genesino Braga, o beneditino pesquisador da evolução cultural de Manaus, cronista cintilante e publicista vigoroso; Moacir Rosas, colaborador quase diário de nossa imprensa, realizando trabalhos inteligentes e oportuno

de intercâmbio cultural, não apenas nos seus artigos, mas, principalmente, através de teses monografias, relacionadas à ciência de sua profissão e Washington Melo, ensaísta que frequentou as colunas dos órgãos metropolitanos e que, se o quiser, poderá ofertar-nos gemas preciosas e, como ele, Aristófano Antony, o articulista diário de A TARDE, o crítico, por excelência, também poeta de finíssima sensibilidade. Outro ainda, de asseado estilo, de lastro de erudição humanista, Sadoc Pereira poderá integrar essa plêiade que parece pretender o reinício de uma grande trajetória, qual seja a de fixar verdadeira orientação artística do Amazonas. Outros já lançaram, há décadas, as bases de um movimento amazônico, destacando-se Araújo Lima, no seu monumental estudo da Terra e do Homem, Péricles Moraes, biografando personalidades de larga atuação em nossa terra, Araújo Filho e Leopoldo Péres; Vivaldo Lima, nos seus hinos de louvor ao Amazonas, e seria injustiça não colocar, no devido realce, a contribuição intelectual e material de Clóvis Barbosa, através de uma revista em cujas páginas se espelhava a fulgurância das mentalidades amazonenses da época. No Rio, Ramayana de Chevalier, um mago da oratória e um rajá do pensamento; Tiago de Melo, esplendente espírito, animado de aspirações patrióticas que se positavam na reconstituição de figuras e fastos da vida brasileira e Deoclides de Carvalho Leal, cientista e pensador, jornalista e cronista de primeira linha, numa eterna e quase obsidente fascinação pela terra natal. Ubiratan de Lemos, festejado repórter, e muitos outros podem prestigiar esta "ressurreição" artística do Amazonas! Dentro do conceito de Verona, na sua "Importância Social de Arte", ou de Bergson, na análise e crítica das origens estéticas em "O Riso", de Cherbuliez, em "Estudos de Literatura e de Arte", apreciando as circunstâncias que se enlaçam ao autor e a obra nos domínios do belo, nas letras, nas tintas ou no mármore ou no bronze, as origens e diretrizes da Arte, no tempo e no espaço, promanam de movimentos que se sublimificam sempre nas frágoas do mais puro civismo. Seguindo-lhes os ensinamentos, estaremos contribuindo para que o Amazonas se torne um ponto de convergência de compatriota e alienígenas, energias novas para o engrandecer na obra ciclópica de sua civilização.

Surrexit, Amazonas!

ÓDIO

A primeira composição poética de ÁLVARO MAIA (1904)

*Louca tormenta são os cabelos,
cabelos negros como nunca vi!
Mágico poema de fatais anelos,
há nessas tranças como nunca li!*

*Cabelos crespos, revoltoso oceano,
cabelos negros como a tempestade!
Cabelos castos de infinito arcano,
que me consolam nesta soledade!*

*Cabelos negros que ne seduzem tanto,
cabelos negros que beijar quizera
cabelos plenos de magia e encanto,
cabelos lindos como a primavera!
Formosos laços de sonhado enleio,
cabelos negros da mulher que eu amo,
vagas olentes sobre um puro seio,
por elas morro e suspirando chamo!*

LENDO "CZARDAS", DE JONAS DA SILVA

Jorge Tuffe

*Cavaleiro noturno, os teus sonetos,
troféus de nossa arcádia provinciana,
ainda agora relembram capuletos,
e o bonde, essa festiva caracana,*

*passa por nós, meninos e coretos,
lança florida, placa suburbana.
Ao longe, o Campeador: vibram tercetos
numa justa feroz à castelhana.*

*Páginas velhas de um couchê sombrio,
onde, por trás do acanto, brota o rio,
e onde há um castelo, amarra-se a canoa.*

*Manaus, antiga, amores e saudades,
perdas, caminhos, bichos, soledades.
Nada disso findou. Tudo ressoa.*

SEGREDOS

Para Rosarito, com a ternura do amigo Moacir Andrade

*Esta manhã é uma argila baça
estátua indefinida de um orvalho
cobiçada lembrança infiltrada
nos segredos desse amargo porto.*

*Vejo no além dessa distante estrela
esfumada lembrança humedecida
astros de sono - navegante barco
outono de folhagens ressequidas.*

*Longos corcéis de aventureiros gestos
propondo e caminhada nesses ermos
de impossíveis cirandas vespertinas.*

*Essa sonâmbula paisagem triste
é uma esfinge ocultando a máguia
fim do instante dessa flor exangue.*

A CIRANDA DAS NEBLINAS

(A última crônica de huascar de Figueiredo)

Nas horas das grandes luzes meridianas, no esplendor das apoteoses do sol equatorial para a largura iluminada dos rios, onde parece haver uma transparência lúcida e tranqüila, uma combinação feliz da claridade com a ventilação, raramente violenta, mas sempre favorável à agitação crespada das águas e ao movimento gracioso das árvores e dos arbustos, com o seu nervosismo original e as suas inquietações ritmadas, esquecem-se com facilidade os momentos em que, nesse quadro largo e rico de detalhes típicos, os seus contornos de achavam encobertos pela neblina, embuçadas as correntes e as terras na sua fantasia de gazes brancas, de enormes véos esgarçados e preguiçosos.

Ao largo das artérias fluviais, observando-se o recorte das margens afastadas, nas proximidades das habitações ou nos lugares em que a floresta vive no seu isolamento majestoso e envaidecido, não indicando qualquer vestígio de fumaça, de uma espiral azul, subindo lentamente para as alturas, partindo de uma casa, de um simples abrigo contra as chuvas e as ardências do calor, a paisagem não raro perde a nitidez de seu traçado, escondendo-se na falsa ilusão de uma distância maior ou simulando pudores desnecessários e inúteis.

Esse minuto de penumbra branca, muito maior que o minuto comum do tempo, arrastado e vagaroso, transfigura-se em aspectos inéditos quando visto da margem para o lago, prestando-se como distração entre os afazeres matinais e as ocupações habituais da gente reunida no convívio silencioso das casas o rio parece estreito, angustiado, mal comprimido entre a mata perfilada e solene, de um lado, e a muralha imponderável das sombras passageiras, de outro, envolvendo-se a todos e lhes dando, a serviço de suas aspirações íntimas, um motivo novo de pensar e trocar, com o seu sorriso característico, algumas sílabas de comentário.

O lençol diáfano da neblina, desliza sobre as águas, acomoda-se nos desvãos da floresta, passeia na superfície lida dos

lagos e mal se deixa entrever, em vagas aparências indecisas, nas distâncias alagadas dos igapós, onde a luz do sol não fica à espera da noite e a antecede, encolhida e friorenta, por detrás dos grandes troncos, presa dos galhos altos, sempre em fuga por todas as saídas, que são, na maioria das vezes, um artifício da natureza, quando se não confundem com outras ilusões da esperança, de uma vontade insofrida de libertação, o segredo medroso de quem está perdido e outro recurso não tem senão aguardar, com todos os visos de tranqüilidade, por um outro dia, por uma nova revelação do sol.

Nessas horas eternas, a neblina perde seu encantamento e não é mais a sutileza espiritual, que enche de poesia clara o romper dos dias comuns, nem se prolonga com a satisfação de quem desperta para a vida com a segurança do local conhecido e certo, sem receio de outras expectativas semelhantes, pois retarda o instante da verificação dos rumos a seguir.

Mas, a ciranda infantil das gazes, em grandes desdobramentos ou em farrapos irregulares, em caricias amplas pela superfície das águas ou sob a forma confortadora de agasalhos arrumados com carinho sobre as frondes, com o destino das alturas privilegiadas, colaborando com elas na sua missão de protetoras de seus irmãos menores, mais próximos da terra húmida e mais distanciados da amplidão azul dos horizontes arejados e infinitos, tem o seu melhor aspecto quando assistida na vertiginosa passagem de um avião, no momento sentimental da partida, sendo a última ilusão da terra, que fica toda branca, em ondulações macias e veludas, grandes vagas imateriais e cada vez mais longínquas, até perderem a cor primitiva, misturando-se nas cambiantes da hora matutina.

As neblinas da manhã, as cortinas sombrias das tardes, aquelas não raro com coloridos lilazes, notadamente nos dias invernosos, tão bem reproduzidos nas telas singulares de Angelo Guido, estas com a refração vermelha da agonia do sol, na precipitação dos crepúsculos,

não são privilégio da nossa paisagem, existindo em todas as latitudes, perto do mar ou na convivência das serranias, nas curvas lânguidas das praias ou nos trechos áridos dos sertões bravios.

Haverá, certamente, para cada uma dessas expressões de paisagem a sua maneira de as interpretar, de muitos despercebidos, para outros, porém, definido o cenário de uma reminiscência, de uma lembrança triste ou de uma recordação alegre, de um fato determinado ou de um episódio trivial e indiferente, qualquer deles ou todos eles, nos bastidores da memória, envolvidas nessa atmosfera de névoa, esvoaçante, fugidia, de uma vaga espiritualidade e de uma profunda aspiração de energia criadora.

Onde quer que se encontrem, azuis ou lilazes, brancas ou ligeiramente rosadas, fazendo companhia ao sol na sua visita matinal, ou na sua comitiva fatigada das tardes, quando realiza as suas despedidas e deixa, nos olhos dos homens e nos contornos das cousas brutas, a nota melancólica da saudade, que é um novo anseio de vida, as cirandas da neblina escrevem a sua página emocional, cobrindo de mistério os itinerários do trabalho, as veredas floridas da mata, os grandes espaços cheios de água e os pequenos lugares limpos, em volta das casas e nos desperdícios do deserto.

Para os nossos, nestas paragens quase infinitas, onde a distância predomina e o isolamento é uma forma de vida paradisíaca, acomodando-se nas estrofes da felicidade bem compreendido, que é canção de todos os dias, a ciranda matinal das neblinas brancas e das tardes pensativos, tem o sentido imaterial de um motivo bem recompensado — dança dos rios, saracoteia nos lagos, ensaia passos mágicos nas florestas e realiza, passando de raspão pelas copas das árvores, a finalidade de seu desprendimento, dando tudo e nada exigindo em paga dessa visita alviçaneira, exatamente como os homens rudes, os mais civilizados, os mais simples, que se entregam à luta das horas e dos dias, em benefício da terra, pela grandeza da própria terra...

NOTAS ACADÊMICAS

- ☞ Merecida homenagem recebeu o acadêmico Paulo Nery, com a aposição de seu nome em novo pavilhão da Fundação Dr. Tomas, solenidade a que compareceram autoridades e admiradores do venerando homem público.
- ☞ **ANIVERSARIARAM:**
Setembro
 08 - Octávio Mourão
 13 - Gebes Medeiros
 13 - Violeta Branca
 21 - Alencar e Silva
 Oyama Ituassú
 24 - Waldemar Salles
- Aos aniversariantes, o Presidente enviou as congratulações.
- ☞ O Presidente, acadêmico Oyama Ituassú, foi convidado pela fundação Djalma Batista, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, para proferir palestra, no dia 15 de fevereiro do ano vindouro, versando sobre Djalma Batista como homem de cultura.
- ☞ O acadêmico Aderson Dutra este em Fortaleza, tomando parte no Congresso de Direito Administrativo, ali realizado.
- ☞ A TV Record, através do programa "Via de Regra", entrevistou o acadêmico Oyama Ituassú, sobre vários assuntos e aspectos e especialmente sobre a Academia.
 Do mesmo modo, compareceu a entrevista na TV Amazonas, dedicada exclusivamente à vida da Academia Amazonense e sua posição no quadro cultural do Estado.
- ☞ Reuniu-se no dia 27 de setembro a assembléia geral, para receber o projeto, com substitutivo, da reforma dos Estatutos, trabalho apresentado pelos acadêmicos Paulo Nery, Presidente, Aderson Dutra e José Braga, trabalho que foi distribuído para posterior apreciação, o que ocorrerá no dia 24 de novembro próximo.
- ☞ Por proposta do acadêmico Moacir Couto de Andrade, a mesma assembléia deliberou prestar homenagem ao Império do Japão, em razão do centenário da imigração japonesa para o Brasil, destacando-se a atuação desse povo na economia amazonense.
 A solenidade terá lugar no dia 30 de novembro, às 20 horas, sendo orador oficial o aludido acadêmico.
- ☞ A Presidência prossegue na restauração dos originais do nº 22 da Revista, que foram extraviados da Imprensa Oficial. Tão logo estejam completos esses elementos, a mesma entrará no prelo.
- ☞ Esteve enfermo o acadêmico João Crisóstomo de Oliveira e, já recuperado com grande alegria para o mundo acadêmico e amigos do ilustre personagem, que foi visitado pelo Presidente.
- ☞ Retornou de sua viagem ao Rio de Janeiro, o acadêmico João Mendonça de Souza.

